

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Violência partilhada. Formas de homicídios entre homens e mulheres em rio claro nos anos 80.

Alice Itani - Unesp -Senac y Wagner Volpe.

Cita:

Alice Itani - Unesp -Senac y Wagner Volpe (2009). *Violência partilhada. Formas de homicídios entre homens e mulheres em rio claro nos anos 80. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2265>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Violência partilhada

Formas de homicídios entre homens e mulheres em rio claro nos anos 80

Alice Itani - Unesp – Senac

Wagner Volpe – Unesp - Faculdade Santa Marcelina

Resumo

O presente paper busca contribuir para o debate sobre as formas de violência nos espaços sociais. As formas como elas se manifestam nos espaços podem mostrar aspectos interessantes que podem contribuir para políticas públicas. Em cidades médias, elas podem apresentar pontos que se diferenciam no espaço social urbano. Trata o paper de mostrar aspectos dos homicídios, a partir de estudo realizado em Rio Claro. Os dados foram coletados de processos de cartórios sobre mortes violentas do período entre 1980 e 1991. Os dados mostram que as vítimas de homicídios são predominantemente masculinos numa razão que chega a 12 homens para cada mulher. E as vítimas masculinas são predominantemente solteiras, de cor branca, nascidos na própria cidade e profissionais dos serviços. E os homicídios ocorrem principalmente na rua e decorrentes de conflitos entre pessoas conhecidas, vizinhos, ou moradores do mesmo bairro. E as vítimas de homicídios não estão entre os imigrantes provenientes de regiões mais pobres como é normalmente conhecido. E, ainda, não há predominância de vítimas sobre regiões periféricas da cidade ou vivendo em condições mais precárias. Elas estão em várias regiões da cidade, incluindo bairros de classe média e média alta. As mortes por homicídios entre homens ocorrem por instrumento cortante e em segundo lugar por arma de fogo na primeira metade da década. Quando as vítimas de mortes por homicídios são mulheres isso ocorre no ambiente doméstico e por

instrumentos domésticos. Na segunda década dos anos 80, a arma de fogo passa a predominar entre as vítimas masculinas e em segundo lugar por instrumento cortante.

VIOLÊNCIA PARTILHADA. FORMAS DE HOMICÍDIOS ENTRE HOMENS E MULHERES EM RIO CLARO NOS ANOS 80

Alice Itani - Unesp –Senac

Wagner Volpe Unesp - Faculdade Santa Marcelina

INTRODUÇÃO

A violência faz parte de debate em saúde. E a preocupação com as mortes violentas decorrentes de homicídios se justifica na medida em que há níveis altos que inquietam. Esse aumento da morbimortalidade do país se apresentava desde os anos 80 do século XX, como um sério problema de saúde (Souza, 1994). Essa violência, nos anos 80, esteve basicamente composta por mortes no trânsito e homicídios (Souza & Minayo, 1994). E, por isso, foram considerados os responsáveis pelo impacto da violência na mortalidade da população brasileira (Souza, 1994).

E na década de 1990 do século XX esse número cresceu muito. O número de homicídios cresceu 48,4%, passando de 32.603 para 48.374, superior ao crescimento da população, de 16,5% no período no período 1994-2004, conforme estudo de Waiselfisz (2007). Isso colocou o Brasil entre os países com maiores taxas de homicídios, com uma taxa total de 27 homicídios em cem mil habitantes. Essa violência pode ser espacializada, sendo mais marcada em algumas regiões do país. Essa taxa chega a 50 homicídios em cem mil habitantes, como o caso do Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro. E ela atinge fortemente a população jovem. As vítimas de homicídios são jovens entre 14 e 17 anos, e entre 20 e 29 anos, com taxas em torno de 65 homicídios por cem mil jovens.

A predominância sempre esteve marcadamente sobre a população masculina e negra (Waiselfisz, 2007). Isso também quando se trata de violência intrafamiliar (Cassorla, 1994; Camargo, 2000;

Dahlberg et Krug, 2002). E o padrão de violência esteve fortemente nas cidades grandes e metrópoles. A violência intrafamiliar atingindo mulheres era causada pelo companheiro íntimo.

No entanto, algumas diferenças merecem ser notadas. Estudos mostram também que o maior aumento de mortes violentas ocorreu entre 1979 e 1985 (Soares, 2005; Barata, 1999) e se mantendo nessas taxas até 1994. A análise de Soares (2005) questiona os estudos atuais sobre mortes violentas, mostrando que o maior crescimento nesse período entre 1979-1985. E que no período posterior ao governo de ditadura militar essas taxas não cresceram. No que tange a diferenças entre homens e mulheres, notou que entre as mulheres, as taxas cresceram durante o regime militar nas faixas dos 10 aos 39 anos, ao passo que, nas demais faixas etárias, as taxas de vitimização por homicídio tiveram pequenas variações. E a partir da redemocratização, houve estabilização ou queda entre todos os grupos etários. Em relação aos homens, cresceram as taxas em todas as faixas entre 10 e 59 anos durante o regime militar. E que no regime democrático, continuaram a crescer as taxas masculinas de adolescentes e jovens adultos, particularmente entre 20 e 29 anos; na faixa dos 30 a 39, variaram pouco, sem direção; decaíram um pouco na faixa de 40 a 49; decaíram bastante nas faixas de 50 a 59, 60 a 69 e 70 anos e mais.

O estudo toma, entretanto, o caso de grande cidade e metrópole, como o caso da cidade de São Paulo. O estudo realizado em Rio Claro mostra diferenças nesse padrão. Como uma cidade média, o índice de mortes violentas em Rio Claro era maior que o das grandes cidades e metrópoles (Volpe et Itani, 2001). Além disso, o estudo identificou uma reação de mulheres diante de mulheres, como um comportamento que mudava o padrão de atitude de mulheres diante da violência, como mostrado em Volpe et Itani, 2001; Itani e Volpe, 2004. A compreensão das formas de homicídio entre homens e mulheres pode ser um elemento que pode contribuir para as políticas públicas.

O presente paper baseia-se em estudo sobre a violência na cidade de Rio Claro no período entre 1980 e 1991 (Volpe, 1995). Busca-se analisar formas de violência diferenciadas entre homens e mulheres com a finalidade de contribuir para a compreensão da questão de gênero nessa violência.

METODOLOGIA

O paper baseia-se em estudo desenvolvido em Rio Claro, cidade de porte médio com 300 mil habitantes, considerada uma cidade média do interior do Estado de São Paulo. Foram levantados

os dados dos homicídios do período entre 1979 e 1991. Os dados foram levantados junto aos cartórios, a partir dos processos criminais. Os dados levantados não identificam nominalmente nenhum dos envolvidos nos processos, assegurando-se anonimato. No processo foram levantados os dados que indicam sexo, idade, estado civil, naturalidade, profissão e local de residência.

A violência pode ser considerada por diversos conceitos (Itani, 1998). Compreende-se aqui por violência a ação que se desenvolve entre agressores resultando em morte por causas externas, considerada pelas mortes violentas. A literatura sobre a violência entre homens e mulheres, baseada sobre homicídios. Isso pode ser visto pelos diferentes estudos (Cassorla, 1994; Minayo, 1995; 1997; 2005; Saffioti, 1999; Meneghel et al. 2003; Silva, 2003; Schraiber et al. 2005; Marinheiro, ALV.; Vieira, EM.; Souza, 2006; Camargo, 2000), que culminou no Mapa da violência de São Paulo desde 2005 (Waiselfisz & Athias, 2005) e legislação específica sobre violência doméstica.

A preocupação dos estudos sobre violência, mortes violentas, homicídios esteve centrada nas grandes cidades (Barata et al, 1999). A verificação do alto nível de violência em cidade média, constatada nos anos 1980 (Volpe, 1996) mostrou que estudos em cidades pequenas e médias podem mostrar outras questões da violência não identificadas. Isso foi ratificado por estudos que mostram a mudança desse padrão de violência no Estado de São Paulo, como o caso do Mapa da violência de Waiselfisz (2007) mostrando uma queda nos índices na metrópole e crescimento nos municípios do interior do Estado de São Paulo. A Compreensão de casos

FORMAS DE HOMICÍDIOS ENTRE HOMENS E MULHERES EM RIO CLARO

As diferenças de violência entre homens e mulheres já é realidade (Marinheiro, 2006; Gomes; Minayo; Silva, 2005). No entanto, as formas como elas se manifestam nos espaços podem mostrar especificidades que podem contribuir para políticas públicas. Em cidades médias, elas podem apresentar pontos que se diferenciam no espaço urbano. Os dados sobre aspectos de homicídios já foram objeto de análise (Volpe et Itani, 2001).

O padrão de homicídios era conhecido como resultado de agressões entre migrantes de regiões mais pobres do país, e vivendo em condições precárias, como um padrão homogêneo sobre números agregados. Contudo, a análise minuciosa dos dados, espacializada e por gênero pode fazer emergir outras questões.

No estudo realizado em Rio Claro, os dados mostram que, entre os homens, as vítimas masculinas são predominantemente solteiras e de cor branca, diferente do que se depreende dos estudos e que as vítimas masculinas são de cor negra. Além disso, diferente do que é pressuposto, os dados mostram que os homicídios não estão entre os migrantes provenientes de regiões mais pobres, como é normalmente conhecido. Os dados mostram que as vítimas são nascidas na própria cidade. E, ainda, não há predominância de vítimas sobre regiões periféricas da cidade ou vivendo em condições mais precárias. Elas estão em várias regiões da cidade. E, que diferente de outros estudos, as vítimas são predominantemente profissionais dos serviços.

Se os dados do estudo mostraram uma reação das mulheres diante da violência (Volpe et Itani, 2001) há também formas pelas quais os atos são praticados. As mulheres reagem diante da violência intrafamiliar com instrumentos domésticos, facas, tabuas de carne etc. Já entre homens os dados mostram também que as mortes por homicídios ocorrem com instrumento cortante e em segundo lugar por arma de fogo na primeira metade da década de 1980. Já na segunda década, a razão se inverte. O instrumento utilizado principal é a arma de fogo. Isso pode ser explicado pela difusão da utilização de armas de fogo como pelo acesso a armas de fogo a população.

O lugar dos homicídios também difere entre homens e mulheres. Enquanto os dados de homicídios de Rio Claro mostram que os homicídios cujos autores são masculinos, eles ocorrem principalmente na rua. E a relação de agressão ocorre predominantemente entre pessoas conhecidas, vizinhos ou moradores do mesmo bairro. Quando os autores são mulheres, os instrumentos utilizados são domésticos, normalmente aqueles que possuem dentro de casa. E o lugar é sempre dentro de casa. Isto é, ocorre predominantemente como uma reação à violência doméstica, contra agressões do marido ou companheiro.

Nos processos analisados, quando a vítima é mulher foram identificados um latrocínio, um caso de um pai que matou a filha por causa do namorado, e os demais casos o marido ou amante que praticou o ato.

Os dados mostram também que nos casos de homicídios, tendo um autor feminino, estes se restringem aos casos de violência doméstica. Isto parece mostrar que as mulheres não estão envolvidas como autoras nos demais casos de homicídios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostra que os riscos da violência estão tão presentes nas cidades médias quanto nas cidades grandes. Em alguns casos, até mais presentes. E que não se restringem a grupos socialmente circunscritos, como os que estão sem emprego ou renda, pobres e ou vivendo em condições precárias. E há diferenças significativas no padrão de comportamento diante da violência, quando analisada por gênero.

Todavia, há alguns limites do estudo. Os dados se limitaram aos de processos em cartórios. Levando em conta que há mortes violentas que nem sempre chegam a se transformar em processos, os dados podem não contabilizar todas as mortes violentas ocorridas em Rio Claro nesse período. Outros levantamentos podem ser importantes para dados mais precisos.

Estudos mais aprofundados são necessários para compreender as condições de produção desse padrão de atitudes. E que merecem ser vistos diante das novas legislações contra violência da mulher, de restrição de bebidas alcoólicas na condução de veículos automotores.

Referências

- Barata, RB.; Ribeiro, MCA.; Moraes, JC.. Tendência temporal da mortalidade por homicídios na cidade de São Paulo, Brasil, 1979-1994. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 15, n. 4, out-dezembro, 1999.
- Camargo M. Violência e saúde: ampliando políticas públicas. *Rede Saúde*. 2000 Nov; (22): 6-8.
- Cassorla, RMS. et alii, *A autodestruição humana*, Cadernos de Saúde Pública, 10:61-73, 1994.
- Dahlberg, LL.; Krug, EG. Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1163-1178, 2006
- Deslandes, SF; Gomes, R.; Silva, CMFP. A caracterização dos casos de violência doméstica contra a mulher atendida em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 129-137, jan./mar. 2000.
- Gawryszewski, VP; Rodrigues, SEM. The burden of injury in Brazil, 2003. *Sao Paulo Med. J.* v.124 n.4 São Paulo 2006
- Grossi PK. Violência contra a mulher: implicações para os profissionais de saúde. In: Lopes MJM, Meyer DE, Waldow VR, (orgs). *Gênero e saúde*. Rio de Janeiro: Artes Médicas: 1996.
- Deslandes, S.F., *Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: Análise de um serviço*, Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, Fundação Osvaldo Cruz, 10:177-187, 1994.
- Giffin, K. Violência de gênero, sexualidade e saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 10, n. 1, 1994
- Gomes, MA.; Pereira, MLD. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 357-363, abr./jun. 2005.
- Gomes, R.; Minayo, MCS.; Silva, CFR. Violência contra a mulher: uma questão transnacional e transcultural das relações de gênero. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília, 2005
- Gawryszewski, VP; Rodrigues, SEM. The burden of injury in Brazil, 2003. *Sao Paulo Med. J.* v.124 n.4 São Paulo 2006
- Itani, A; Volpe, W. Woman Faced with Violence: A view on skin colour in Brazil. In: Anita Kalunta-Crumpton and Biko Agozino. (Org.). *Pan African Issues in Crime and Justice*. Nova York: Ashgate, 2004, v. 1, p. 1-276.
- Itani, A., *Violência no imaginário dos agentes educativos*, Cadernos Cedes, 1998.
- Lima, MLC; Souza, ER; Ximenes, R.; Albuquerque, MFPM.; Bitoun, J.; Barros, MDA. Evolução dos homicídios por área geográfica em Pernambuco entre 1980 e 1998. *Revista de Saúde Pública*, 4(36), agosto 2002.
- Lovell, Peggy, *Raça e Gênero no Brasil*, Lua Nova, 35-71, 1995.
- Marinheiro, ALV.; Vieira, EM.; Souza, L. Prevalência de violência contra a mulher. *Revista de Saúde Pública*, 4(40): 604-610, ago. 2006.
- Meneghel, S. N. et al. Cotidiano ritualizado: grupos de mulheres no enfrentamento à violência de gênero. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 111-118, jan./mar. 2003.
- Minayo, M. C. de S. Violência: um problema para saúde dos brasileiros. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de vigilância em saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília, DF, 2005
- Minayo, M CS; Souza, ER. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* v.4 n.3 nov. 1997

- Minayo, M.C. (org.), Os muitos brasis. saúde e população na década de 80, São Paulo, Hucitec/Abrasco, 1995
- Minayo, M.C., A violência social sob a perspectiva da Saúde Pública, Cadernos de Saúde Pública, 10:7-18, 1994.
- Organização Mundial de Saúde. Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra (Suíça): OMS; 2002.
- Saffioti, HIB. *Gênero e patriarcado: violência contra as mulheres*. São Paulo: PUC, 1999.
- Schraiber, LB. et al. *A violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos*. São Paulo: UNESP, 2005.
- Silva, I. V. Violência contra mulheres: a experiência de usuárias de um serviço de urgência e emergência de Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 263-272, 2003.
- Soares, G.A.D. As co-variadas políticas das mortes violentas. *Opin. Publica* v.11 n.1 mar. 2005
- Souza, E., *Homicídios no Brasil: O grande vilão da Saúde Pública na década de oitenta*, Cadernos de Saúde Pública, 10:45-60 1994.
- Volpe, W.; Itani, A. Novos padrões de comportamento feminino: O caso da atitude das mulheres diante da violência, Paper apresentado no XXIII Congresso Alas, Guatemala, 2001
- Volpe, W. Violência e urbanização, São Paulo, IGCE UNESP, Relatório de pesquisa, 1996
- Waiselfisz, J.J. Mapa das mortes por violência. *Estudos avançados*. v.21 n.61 set./dez. 2007.

- Alice Itani - Unesp –Senac
- aitani@terra.com.br

- Wagner Volpe – Faculdade Santa Marcelina
- wagnervolpe@uol.com.br